

Simonsen defende uma nova estratégia para os salários e preços

por Reginaldo Heller
do Rio

O ex-ministro Mário Henrique Simonsen defendeu a maior flexibilidade do sistema de preços e salários, eliminando os diferentes tipos de indexação e intervenção do governo na economia, de forma a tornar menos rígida a inflação brasileira. Sua sugestão, que inclui a livre negociação dos salários, foi feita ao comentar alguns dos aspectos comuns entre a estratégia norte-americana de combate à inflação e as diferentes políticas adotadas no Brasil nos últimos anos. Ele foi convidado pela Bolsa de Valores do Rio de Janeiro para participar de um painel com o ex-secretário do Tesouro dos Estados Unidos, William Simon, quando fez uma comparação do problema da inflação nos dois países. Neste sentido, disse que "todos detestam a inflação, mas gostam de suas causas" e que há um período de transição entre as medidas adotadas e seus efeitos, durante o qual é preciso ter muita paciência, pois "não há terapia instantânea, não é como uma aspirina, que, se imagina, fará efeito imediato".

FASES

Segundo o ex-ministro, o combate à inflação é doloroso, "não se faz uma omelete sem quebrar ovos, e, até se chegar à terra prometida, deve-se passar por várias fases, a começar pela queda dos juros, depois pela redução da atividade econômica, pela melhoria do balanço de pagamentos e, finalmente, pelo menor ritmo de crescimento de preços".

Ainda em relação à maior flexibilidade do sistema de preços e salários, reconheceu que a correção monetária tem um sentido positivo numa economia com inflação crônica e que sua eliminação precisa ser acompanhada de um mecanismo substituto. Para ele, esse mecanismo pode ser a liberdade de juros, muito embora para os prazos longos nas

operações financeiras esse substituto seria uma referência interbancária para os sucessivos reajustes das taxas de juros. Segundo Simonsen, um sistema de preços e salários livre torna a inflação sensível às expectativas.

SIMON

William Simon, por sua vez, restringiu-se a discutir a situação norte-americana, afirmando que o problema da inflação é mais político do que econômico, e seu combate é questão vital para a sobrevivência do sistema econômico. "Muitos países sucumbiram à inflação", disse ele, frisando que, embora impopular, a política do presidente Reagan conta com ampla confiança de todos.

Simon acha ainda que a condição fundamental para o combate à inflação é a disciplina de todos, a partir do próprio governo. E, respondendo a perguntas, mostrou-se contrário a qualquer tipo de indexação na economia e participação do estado. "Essa participação do estado reduz o nível de emprego, a taxa de crescimento do PIB — os exemplos europeus confirmam essa hipótese — e geram inflação."

Lembrou, também, que não acredita que os aumentos dos preços do petróleo sejam a causa da inflação, pelo menos no caso americano. Finalmente, contestou a afirmação levantada pelo auditório, segundo a qual a política de combate à inflação deve levar em conta o estágio de desenvolvimento do país e as necessidades de emprego, afirmando que ele não considera o Brasil um país do Terceiro Mundo. O Brasil é, segundo ele, um país em muitos aspectos desenvolvido e pode ser classificado num grupo especial de países que pouco tem a ver com o Terceiro Mundo. Mas, de um modo geral, a política é a mesma. "Não há outro remédio, é preciso disciplina e uma política monetária eficiente."